

CAPÍTULO 5

PARTICIPAÇÃO SOCIAL E MOBILIZAÇÃO DA JUVENTUDE: FORMAS DE RESISTÊNCIA EM TEMPOS DE CRISE SANITÁRIA

Victor Freire
Hailton Yagiu
Mauro Serapioni
Vera Schattan
Aline Abrantes
Sandra Cristina de Costa e Silva

[...]

Num cemitério de sonhos, graças a leis, planos
Troco de jogo, vendo, roubo, pus a cabeça a prêmio
Ingênuo, colhi sorrisos e falei: Vamos!
É um novo tempo, momento pro novo
Ao sabor do vento, me movo pelo solo onde
reinamos
Pondo pontos finais na dor como doril, anador
Somos a luz do senhor e pode crer, 'tamo
construindo
Suponho não, creio, meto a mão

Em meio à escuridão, pronto, acertamos
Nosso sorriso sereno, hoje é o veneno
Pra quem trouxe tanto ódio pra onde deitamos
Quem costuma vir de onde eu sou
Às vezes não tem motivos pra seguir
Então levanta e anda
Vai, levanta e anda
Vai, levanta e anda.

(“Levanta e Anda”, Emicida part. Rael)

INTRODUÇÃO

O presente capítulo é um produto do projeto de pesquisa “Cuidado na desigualdade social: abordagens interdisciplinares no enfrentamento aos agravos da covid-19 em território vulnerável”. O referido projeto teve como objetivo compreender como as desigualdades sociais foram acentuadas pela pandemia, especialmente em comunidades com poucos recursos para o enfrentamento da crise sanitária.

Diante das complexas dinâmicas de participação social e mobilização juvenil neste território, buscamos compreender como os jovens constroem formas potentes de resistência em meio às dificuldades impostas pelas políticas públicas. Essas dificuldades se manifestam especialmente nas áreas de segurança, educação, inclusão social e saúde, onde muitas vezes prevalecem práticas que limitam o acesso a direitos e restringem as possibilidades de desenvolvimento. Nesse contexto, mesmo

diante de ações repressivas, como a Operação Escudo²⁰, a juventude encontra caminhos de organização e engajamento que revelam sua capacidade de enfrentamento e de criação de alternativas coletivas.

Analisaremos aqui os processos de participação social e a mobilização da juventude na Vila dos Pescadores (VP) em Cubatão (SP), um território marcado pela profunda desigualdade social. Evidencia-se que as dificuldades de participação social e mobilização dos jovens comprometem ações voltadas à formação de novos atores sociais, à continuidade das reivindicações por políticas públicas e à luta contra injustiças históricas. Em um contexto de vulnerabilidade social e de carência de políticas públicas eficazes como acontece na VP em Cubatão, a participação social e a mobilização dos jovens são elementos importantes para a superação dos desafios impostos pela vulnerabilidade.

É nesse contexto que emergem formas de mobilização social que, ancoradas na cultura e na política do território, reconhecem e valorizam seus saberes, práticas e instituições como dispositivos potentes de transformação. A mobilização se constitui como um movimento que articula o conhecimento das regras, normas e dinâmicas locais à criação de redes de solidariedade e coletivos, promovendo emancipação e fortalecimento comunitário (Fernandes, 2017). Já a participação social traduz-se nas relações intersubjetivas dos indivíduos com coletivos, movimentos e organizações civis que, ao se afetarem,

20 A Operação Escudo, realizada na Baixada Santista após a morte de um policial militar, resultou em 28 suspeitos mortos. A ação foi sucedida pela “Operação Verão”, e, juntas, as duas operações contabilizaram quase 80 mortes nas comunidades da região (G1, 2024).

tendem a ampliar sua potência de agir, constroem identidades coletivas e fortalecem a capacidade de reivindicação perante o Estado (Scherer-Warren, 2006; Sawaia, 2001).

Assim, na VP a atuação das instituições sociais e o protagonismo dos jovens tornam-se expressões vivas dessas articulações entre pertencimento, resistência e busca por igualdade social que geram conquistas significativas, mostrando grande capacidade de resistência. As instituições presentes na comunidade, que também são fruto dessas lutas e mobilizações, como o Exército da Salvação (ES), o Instituto Socioambiental e Cultural (ISAC) e o projeto “Sai da Rua e Vem pro Fundão”, criado pelo time de futebol Turma do Fundão, atuam como espaços de resistência, construindo redes de cuidado, pertencimento e mobilização, com o objetivo de acolher e dar protagonismo aos jovens da comunidade.

Desde 1990, o ES oferece apoio socioeducativo a centenas de crianças e jovens, promovendo proteção social, autonomia e cidadania. O ISAC, com foco socioambiental e cultural, foi fundado em 2015 pelo fruto da luta de moradores do território contra a degradação do mangue e engaja a juventude em eventos que valorizam a cultura caiçara, como o Festival Celebrando a Vida no Mangue²¹, além de ações de limpeza ambiental, estimulando a conscientização e apoiando a inserção educacional e profissional. Já o projeto “Sai da Rua e Vem pro Fundão”, ligado ao time de futebol local e à Igreja Católica, mobiliza cerca de 300

21 Festival típico da Vila dos Pescadores, onde a cultura caiçara é prestigiada por meio de shows, desfiles de moda e comidas típicas, ao final é realizada uma procissão marítima para São Pedro e São Paulo.

jovens em atividades esportivas, como muay-thai, boxe e balé, e busca expandir sua atuação para cursos de qualificação por meio do voluntariado e de parcerias.

Segundo as lideranças comunitárias, a mobilização juvenil na VP enfrenta desafios significativos, existe uma preocupação com a falta de engajamento dos jovens e por problemas como racismo, abandono escolar, dificuldade de inserção no mundo do trabalho, saúde mental fragilizada e desmotivação. O risco da entrada na criminalidade ou nas organizações do tráfico de drogas, em virtude da carência de oportunidades reais, é uma alternativa que, apesar de perigosa, é um exemplo de prosperidade dentro da comunidade, em um contexto agravado pela violência policial que inibe a participação comunitária e molda subjetividades.

Diante dessa realidade, os sonhos de uma vida melhor pela juventude parecem ficar mais inalcançáveis, os jovens acabam sendo vistos como sem futuro e marginais. O exercício contínuo das instituições do território não é suficiente para amparar a ausência dos direitos básicos, não suprimindo o que o Estado deveria prover. Portanto, o ciclo é contínuo. O tráfico ocupa um lugar central no cotidiano da VP, a ponto de parecer natural que crianças brinquem em becos onde se encontra uma grande quantidade de pinos de cocaína ou que jovens circulem pelas ruas com armas, fiscalizando as movimentações do território.

Além disso, a realidade da VP é profundamente marcada pela criminalização da juventude negra, que se manifesta brutalmente por meio de políticas de segurança pública repressivas. A Operação Escudo, por exemplo, mostra como

as ações do Estado em operações policiais, sob o pretexto de combate ao crime, resultam na intensificação da violência e pouca efetividade. Nessas operações, a juventude negra, em especial, é alvo de abordagens violentas e prisões arbitrárias. A presença e a opressão policial moldam o cotidiano da comunidade, gerando um clima de medo e desconfiança.

Esta violência não só tira vidas, mas perpetua um ciclo de injustiça e invisibilidade social, caracterizando um contexto regido pela necropolítica²², conceito que se refere ao poder do estado de decidir quem pode viver e quem deve morrer, sendo a criminalização seletiva da juventude negra um dos pilares dessa dinâmica (Mbembe, 2018). Nesse contexto, a necropolítica não se manifesta apenas pela violência física, os jovens negros também passam pela desumanização e repressão das formas de expressão.

A cultura periférica sofre com a rotulação e os estigmas, onde comportamentos, formas de vestir e falar são associadas como desvios de conduta por um Estado racista, que oprime uma série de manifestações da juventude negra como os movimentos do funk e hip-hop²³ (Anunciação, 2020). É nesse ambiente de opressão estrutural que os jovens constroem suas estratégias de resistência, buscando reafirmar suas existências, em busca de futuros possíveis.

22 Achille Mbembe (2017) define a necropolítica como o uso do poder político para decidir quais vida tem valor e quais devem e podem ser descartada, o autor argumenta que essa produção sistemática da morte é característica do colonialismo e afeta principalmente as pessoas mais pobres e negras que são deixadas à própria sorte.

23 Movimentos culturais que surgiram nas periferias brasileiras nos anos 1980 e 1990 com inspiração na juventude norte-americana, retratando o cotidiano do jovem periférico, o funk para além de um estilo musical passou a ser uma expressão de vestimenta, modo de vida e lazer, já o movimento hip-hop é uma manifestação cultural que reúne quatro elementos principais: rap (rima e música), DJ (batidas e mixagens), breakdance (dança) e grafite (arte visual urbana). Mais do que expressão artística, é também um movimento social e político.

A fim de compreender como a realidade histórica e social molda a vida, a saúde e a resistência dos jovens periféricos, este capítulo se fundamenta na Psicologia Sócio-Histórica e na Saúde Coletiva. A Psicologia Sócio-Histórica concebe o ser humano como um sujeito ativo, que se constitui e se transforma nas relações sociais e históricas (Sawaia, 1999; Vigotski, 1996).

Já a Saúde Coletiva, ao adotar uma concepção ampliada de saúde, entende-a como um processo que ultrapassa a ausência de doença, envolvendo condições de vida, vínculos afetivos e participação social. Nessa perspectiva, o cuidado em saúde é compreendido como prática relacional, orientada pela promoção da autonomia e da capacidade das pessoas e coletividades de cuidarem de si mesmas (Ayres, 2004).

Assim, a análise da participação social e da mobilização juvenil na Vila dos Pescadores não se restringe à descrição de ações, mas busca desvelar as dinâmicas afetivas, políticas e culturais que estruturam a subjetividade desses jovens, revelando como constroem significados, produzem pertencimento e desenvolvem estratégias de resistência diante das adversidades. Dessa forma, este capítulo tem como objetivo analisar a dinâmica sócio-histórica da participação e mobilização dos jovens que vivem em territórios marcados pela vulnerabilidade social, investigando como se organizam coletivamente para criar e sustentar práticas de resistência, cuidado e transformação social diante dos desafios impostos por esse contexto.

JUVENTUDE NA VILA DOS PESCADORES: DESAFIOS E RESISTÊNCIAS

A juventude, especialmente na Vila dos Pescadores, enfrenta uma realidade marcada por desafios profundos que vão desde a violência e o tráfico de drogas até a evasão escolar e a ausência de oportunidades. Os dilemas enfrentados nesse território aceleram a transição de uma fase que deveria ser de formação: jovens são adultizados precocemente, colocados em constante confronto com circunstâncias adversas e pressionados a lidar, desde cedo, com temas como trabalho, sexualidade, violência e uso de drogas (Novaes, 2007).

Figura 8. Área de incêndio no bairro, hoje ocupada como espaço de lazer pela juventude.



Fonte: Arquivo LEDS

Crescer brincando na Vila dos Pescadores exige criatividade e perspicácia para transformar a precariedade em formas de resistência e lazer. Os jovens se desenvolvem em meio à falta de espaços recreativos, becos estreitos, esgoto a céu aberto e à constante ameaça da violência policial e do tráfico, que tornam o território uma zona de perigo permanente. Com poucos espaços de convivência e pais que precisam trabalhar sem apoio de políticas de cuidado para os filhos, muitas crianças acabam inseridas nos projetos sociais do bairro ou permanecem “soltas”, expostas às vulnerabilidades do contexto.

As lideranças comunitárias relatam com frequência a preocupação com a adultização e a falta de cuidado com a juventude, gerando uma iniciação sexual precoce, que ocorre muitas vezes sem orientação ou uso de preservativos, ampliando a vulnerabilidade frente às Infecções Sexualmente Transmissíveis. Além disso, os jovens expostos ao uso de drogas e a vida noturna local, embora parte da cultura e do lazer, reforçam padrões de risco e a adultização da juventude.

Entretanto, a realidade em relação ao envolvimento com o tráfico de drogas e à exposição à violência revela um ciclo de vulnerabilidade difícil de quebrar. A falta de oportunidades educativas, somada à possibilidade de ganho financeiro e ao status que o tráfico oferece, faz com que muitos jovens vejam na criminalidade a única alternativa viável. Esse cenário se agrava pela ausência de políticas públicas consistentes voltadas para a juventude, escancarando uma negligência histórica do Estado em garantir educação, cultura, profissionalização e segurança.

Dentro desse contexto, o impacto social e comunitário exercido por instituições, se torna central para o desenvolvimento pessoal e coletivo dos jovens. As atividades oferecidas revelam como a criação de redes de apoio comunitário e a promoção de espaços de convivência e formação são essenciais para enfrentar os efeitos da vulnerabilidade social. Iniciativas como, por exemplo, o programa FloreSer, promovido pelo ES, voltado ao apoio de adolescentes grávidas, fornece suporte emocional e educacional, oferecendo ferramentas para que consigam enfrentar ciclos de vulnerabilidade e promovendo inclusão social capaz de impactar positivamente toda a comunidade. O apoio direcionado a este grupo nos momentos críticos da vida é uma resposta necessária às complexas dinâmicas sociais que afetam seu futuro, oferecendo oportunidade para que eles possam se desenvolver em um ambiente mais acolhedor.

A mobilização comunitária demonstra, assim, uma capacidade significativa de adaptação e de luta por melhorias, ainda que muitas vezes limitada pela falta de recursos. Projetos recreativos, esportivos e educacionais funcionam como alternativas ao crime, criando ambientes de pertencimento e cuidado. Como aponta um educador da Turma do Fundão:

Cara, eu acho que o que mais impera aqui dentro da comunidade, em qualquer comunidade, não só a nossa, é a desigualdade social, a falta de oportunidade, né? O esporte, a gente usa aqui como um catalisador para trazer a criança para dentro. Estar com pessoas que fomentam na cabeça deles a ideia de como é importante a educação e aqui dentro do projeto a gente quer fazer

mais, né? Dar mais oportunidade principalmente para eles (Entrevista Kauan).

A fala evidencia como as desigualdades sociais se traduzem em experiências concretas de exclusão, mas também como nelas emergem respostas coletivas. O esporte e atividades lúdicas aparecem como estratégia de enfrentamento simbólico da violência e da falta de perspectivas, funcionando como ponte para a educação e para a construção de novos projetos de vida, mas, ao mesmo tempo, uma forma de tirá-los da criminalidade (Anhas; Castro-Silva, 2017).

Outro ponto recorrente é a evasão escolar, muitas vezes resultado das deficiências estruturais do sistema educacional e da ausência de políticas públicas básicas. Na Vila dos Pescadores, os jovens do ensino fundamental e médio precisam se deslocar até o bairro vizinho, atravessando uma linha de trem e uma rodovia para chegar à escola que lhes é destinada, a qual ainda carrega o estigma de ser considerada a “escola problema”. Essa realidade evidencia o caráter excludente e desigual do sistema de ensino, que, como analisa Jessé de Souza (2022), é apresentado como um espaço neutro meritocrático, mas, na prática, reproduz as desigualdades de origem e transforma privilégios de classe em supostas capacidades individuais.

Assim, a violência simbólica e estrutural vivenciada por essas crianças e adolescentes se expressa no próprio percurso de acesso à escola e na forma como são percebidos e tratados dentro dela. Reformar o sistema de ensino, tornando-o mais

acessível e conectado às realidades juvenis, é uma necessidade urgente. Somente com uma educação efetivamente democrática e emancipadora será possível promover autonomia e abrir caminhos para a construção de um futuro mais justo e igualitário.

[...]. Isso inclui jovens, né? [...] mas no geral, os jovens mais pobres, [...], acabam tendo que trabalhar para ajudar a família. [...] Em relação à educação, a gente não tem escolas de ensino fundamental e médio. Os jovens precisam ir pro bairro do Jardim Casqueiro para ter acesso a isso. E é importante estar próximo de casa, né? (Entrevista Aruanã).

A pressão constante de ter que trabalhar desde cedo para ajudar a família também é um tema recorrente na realidade da juventude da periferia, que põe em xeque as perspectivas de futuro em favor de um imediatismo produzido pela desigualdade social. Esse cenário provoca elevada evasão escolar e abandono de projetos sociais, revelando a falha do Estado no desenvolvimento e na proteção desses jovens (Barbosa; Giffin, 2007; Anhas; Castro-Silva, 2017).

Nesse processo, o desenvolvimento de formas de participação juvenil, como ressaltam lideranças de instituições locais, como do ISAC e da Turma do Fundão, é fundamental. A formação de novas lideranças jovens garante não apenas a continuidade das mudanças sociais exercidas por essas instituições como a preservação ambiental do mangue, mas também promove pertencimento, responsabilidade e habilidades de cooperação entre os jovens, fortalecendo a coesão social e preparando-os

para papéis de protagonismo. A ausência do Estado, contudo, segue sendo um fator limitante. Como aponta outro relato:

Bom, espero que tenha melhorias, que tenha mais projetos pra todos eles e assim, não esperar só pelo terceiro setor, né? Pra implantar projetos para os jovens. É... por exemplo, os jovens aqui, eles não têm acesso a um curso profissionalizante, né? E eu acho que poxa, um bairro que tem 17 mil pessoas já era pra ter implantado alguma coisa que pudesse ajudar, ainda mais que a gente mora numa área industrial, então, poderia ter alguns cursos preparatórios pros jovens, né... tá entrando nessa área industrial e a gente não tem (Entrevista Jaci).

Esse relato reforça como a falta de políticas estruturadas leva à transferência de responsabilidades para ONGs e projetos comunitários, que assumem papéis importantes, mas não conseguem suprir sozinhos as demandas locais. O desmonte e terceirização das políticas sociais fragilizam o sistema de proteção, perpetuando a desigualdade e limitando respostas às vulnerabilidades (Anhas; Castro-Silva, 2016).

As ações e iniciativas criadas e mantidas pelas instituições não governamentais do território são extremamente legítimas e necessárias frente a falta de opções de lazer e convivências para os jovens, mas demonstram também essa fragilidade das políticas públicas citadas acima. Segundo Gohn (2004), muitas das ações desenvolvidas por organizações não governamentais são predominantemente pontuais e derivam de pautas terceirizadas pelo próprio Estado.

Nessa lógica, o poder público transfere responsabilidades sociais às ONGs e estabelece parcerias com o capital privado, transformando-se em um agente regulador e promotor desse modelo de prestação de serviços. Esse formato de gestão, baseado em metas, resultados e prazos rígidos, acaba por limitar o alcance e o compromisso social das iniciativas, estrangulando projetos que poderiam ser mais efetivos, duradouros e alinhados às reais demandas da juventude e da comunidade local.

O cenário da juventude na Vila dos Pescadores, portanto, revela uma dupla realidade: de um lado, a falha do Estado em atuar de forma consistente; de outro, a potência de ação e resiliência de instituições e da mobilização comunitária que, mesmo diante de recursos escassos, constroem alternativas de cuidado, inclusão e resistência. Essa tensão evidencia tanto a urgência de políticas estruturantes de proteção social quanto a relevância das práticas locais que, com criatividade e engajamento, se tornam fundamentais para garantir o desenvolvimento dos jovens.

JUVENTUDE NA PANDEMIA E PÓS-PANDEMIA

A crise sanitária de covid-19 intensificou fragilidades já presentes nas periferias e trouxe novos desafios, colocando à prova a capacidade de enfrentamento das populações em situação de vulnerabilidade. Esse cenário se torna ainda mais crítico ao considerar o recorte de raça e gênero entre os jovens, grupo que já vivencia acentuadamente os efeitos das desigualdades sociais.

Figura 9. Grafite na entrada de um dos becos da VP.



Fonte: Arquivo LEDS.

As formas de coletividade e solidariedade mostraram-se essenciais durante a pandemia, período em que o isolamento social e as mudanças abruptas no modo de vida tiveram forte impacto na saúde mental da população. As redes de cuidado, a perseverança e o apoio mútuo emergiram como forças vitais, ajudando a preservar vidas em meio à negligência e à necropolítica do Estado naquele contexto (Camilo *et al.*, 2021).

O que aconteceu é que a molecada ficou sem estudar, né? Tipo, grande parte da molecada ficou sem estudar. E aí entra os educadores, né, como eu, para poder é estar ali enfrentando, porque assim uma região vulnerável igual aqui, se a molecada não tiver... Um caminho, alguma

coisa para pensar, Ah, ela vai se perder e a gente está falando, a gente não precisa falar de anos, a gente está a falar de semanas, dias para galera se perder é muito rápido, sabe? (Entrevista Tupã).

A fala do educador demonstra novamente a preocupação com a juventude do bairro se perdendo para o tráfico organizado e valoriza a ação dos educadores e lideranças no bairro, Tupã é morador do bairro e cresceu em meio a essa realidade da ascensão e organização do crime organizado no território. Hoje em dia, Tupã é uma das lideranças já consolidadas no bairro, professor de um grupo de hip-hop, ele valoriza a criatividade e a persistência do trabalho dos educadores durante a pandemia para continuar oferecendo atividades para que os jovens do bairro não parassem.

A falta de acesso à educação também se destacou durante a pandemia, quando as aulas foram suspensas e, posteriormente, retomadas de forma *on-line*. No entanto, muitos jovens não conseguiram acompanhar as atividades devido à ausência de celulares adequados e à precariedade do sinal de internet. Essa exclusão digital os tornou ainda mais vulneráveis aos impactos do isolamento sobre a saúde mental, levando-os a buscar distrações e formas de lazer nas ruas do bairro.

Então o que aconteceu foi isso, foi que eu tive minhas medidas e o que que eu faço para conseguir entreter essa molecada? Então, por exemplo, a gente fez esses treinos online através de grupo, só que ao mesmo tempo, por exemplo, todas as batalhas de rima. Da baixada santista se conectaram por internet. Então a gente fazia

encontros de batalhas, de rima, de videochamada. Tudo isso para poder entreter esse pessoal. Porque a gente sabe o pico de pessoas depressivas que teve na pandemia, porque as pessoas ficaram isoladas. Então tinha essa força tarefa para fazer isso acontecer, velho. E aí? (Entrevista Tupã).

O relato da força-tarefa durante a pandemia mostra como o meio virtual foi utilizado de maneira criativa para manter as batalhas de rima, que promoveram a convivência e cuidado de si e do outro em um contexto atípico. O movimento hip-hop, cuja essência está na socialização, estimulando a consciência crítica sobre a dura realidade brasileira por meio de suas rimas, danças e grafite, encontrou no ambiente *on-line* uma válvula de escape para muitos jovens que, durante a Pandemia de covid-19, viveram o isolamento, o aumento dos casos de sofrimento mental e situações de violência doméstica (Camilo *et al.*, 2021; Corrochano; Laczynski, 2021).

Quando começou a voltar e aí a molecada começou a ir pra escola. Eu comecei a ver, eu comecei a ouvir que eles estavam se encontrando no Recreio, pra rimar, pra treinar, né? Então isso começou, pô, isso refletiu lá da pandemia, né? Então deu certo o que eu estava fazendo, porque até então eu estava investindo. Eu estava falando meu, será que a galera, a galera tá falando? Mas será que elas estão curtindo? Estão indo, tipo, porque elas estão gostando, porque de fato não tem outra opção, não tem o que fazer, sabe? Mas pra mim eu tenho, tenho isso pra mim que deu certo (Entrevista Tupã).

O relato da entrevista evidencia como a mobilização da juventude, mesmo em contexto de isolamento social durante a pandemia, se mostrou essencial para mitigar os efeitos da crise sanitária sobre os jovens. Ao utilizar o meio virtual para manter as batalhas de rima, o movimento hip-hop funcionou como um espaço de socialização, cuidado mútuo e expressão crítica, permitindo que os jovens permanecessem engajados, protegendo sua saúde mental e fortalecendo vínculos comunitários.

Durante a pandemia, a internet assumiu um papel central na vida dos jovens, não apenas como espaço de lazer, mas como território simbólico de encontro, pertencimento e mobilização social. Diante do isolamento físico e da suspensão das atividades presenciais, a internet tornou-se um canal de continuidade das práticas culturais, da construção coletiva e da expressão política. Plataformas digitais, redes sociais e aplicativos de comunicação funcionaram como espaços alternativos de convivência, onde grupos puderam criar estratégias de resistência frente às restrições impostas pela crise sanitária.

A retomada das atividades presenciais e o entusiasmo relatado pelo educador demonstram que iniciativas de mobilização cultural não apenas oferecem alternativas saudáveis ao isolamento e à vulnerabilidade, mas também desempenham um papel fundamental na reconstrução das redes sociais pós-pandemia. Esse caso reforça a importância de reconhecer e apoiar espaços de protagonismo juvenil como instrumentos estratégicos para superar crises e suas mazelas, promovendo inclusão, criatividade e resistência coletiva.

PRÁTICAS COM JOVENS E FORMAS DE RESISTÊNCIA

A vida dos jovens em contextos vulneráveis é marcada por desafios, mas também pela potência de ação manifestada em diversas práticas de resistência, sendo a mobilização e participação social elementos cruciais para a transformação social tanto do território quanto da própria juventude. A participação em ONGs, grupos de hip-hop, esportes e oficinas de reflexão-ação não só emerge como uma resposta às ausências estatais e às pressões socioeconômicas, mas principalmente como um caminho para a formação integral e o autoconhecimento (Anhas; Castro-Silva, 2017).

Eu gostaria que fossem criados espaços de cultura e lazer, eu chamo de casa da Juventude, onde eles pudessem expressar as suas inquietações, as suas formas de expressão, de vivência, né? Mas que também eles estivessem ali e fosse um centro de oportunidade, onde pudesse passar por capacitação. Cursos e iniciativas que permitissem que eles enxergassem outras possibilidades para além do senso comum ou para além do dia a dia, né? Eu tenho uma percepção de que muito sobre a situação de vulnerabilidade é que não conseguem enxergar outras possibilidades de mobilidade social, de ascensão, porque elas estão muito focadas no básico, que é o é levar o pão de cada dia pra sua casa. [...]
(Entrevista Aruanã).

A narrativa expressa uma compreensão de que o potencial dos jovens vai muito além da simples oferta de atividades e, ao

mesmo tempo, destaca que as vulnerabilidades sociais limitam a visão de futuro, ao prendê-los a um ciclo de sobrevivência focado no “pão de cada dia”. A juventude necessita de espaços que integrem cultura, lazer e principalmente oportunidade, reconhecendo que os jovens têm inquietações e formas de expressão próprias e que necessitam de um ambiente acolhedor e seguro para poderem se manifestar, fortalecendo identidade e autoestima.

Portanto, a potencialidade não está apenas em proporcionar o acesso ao aprendizado de uma nova habilidade, mas em expandir horizontes e ambições, possibilitando que eles se tornem agentes de sua própria transformação e possam superar as barreiras impostas pela realidade em que vivem.

Figura 10. Grafite na entrada de um dos becos da VP.



Fonte: Arquivo LED.S.

A preocupação das lideranças e instituições da VP com o mercado de trabalho e capacitação para os jovens são visões legítimas, em um pensamento visando à transformação do território, mas vale também destacar a importância da valorização da cultura e de movimentos de base, como o funk e o hip-hop que são fortes mobilizadores e muitas vezes são descredibilizados, como movimentos marginais dentro e fora do bairro.

Na época eu tinha 16 anos e eu sempre tive envolvimento com música, com cultura, tudo referente principalmente a cultura urbana, né? Hip hop, só que, não tinha aqui na Vila. [...] E aí eu tive essa vontade de expandir isso, né, pra Vila aqui, porque eu não via outra molecada da minha idade que fazia rap, ou fazia poesia ou fazia beatbox. E daí eu, que tinha um amigo meu, nego Cláudio. Ele tinha um projeto de dança e era o mais próximo que eu tinha do hip hop pra poder me aproximar. E aí eu fui lá e trouxe uma proposta para ele de fazer uma parceria para tentar implementar, a parte lírica do hip hop para os jovens e saber se eles se interessavam. [...] Então ele já com 30 anos, dando as aulas dele e eu cheguei lá, um adolescente na idade dos alunos dele, ele abriu essa porta para mim e aí eu tudo se iniciou ali (Entrevista Tupã).

Segundo o entrevistado, a juventude é uma força latente, que quando canalizada, tem a capacidade de transformar não apenas vidas individuais, mas alcançar a comunidade. Portanto, os jovens podem ser agentes de mudança, mas para isso necessitam de um terreno fértil, este construído na base do acolhimento, apoio, oportunidade e inspiração. O exemplo

do entrevistado revela que o potencial jovem muitas vezes se manifesta primeiramente como uma faísca de inconformismo, de um desejo de mudança da realidade.

Existe uma Batalha aqui na Vila chamado Batalha da Frentona, uma Batalha que inclusive acontecia ali na frente da Quadra ali. E essa Batalha ela teve um fim, porque era uma Batalha que eu fazia com a minha própria caixa de som. Então a minha caixa quebrou e por falta de material, [...] Agora eu comprei uma caixa, só que não tenho tempo, então eu tô vendo com os meninos que também já cresceram, hoje em dia trabalham também. E aí eu tô vendo um jeito de poder fazer uma Batalha, nem que seja quinzenal, pra voltar e para incentivar essa molecada, porque eles treinam para participar de campeonatos fora, mas poxa, poderia ter aqui dentro. Sabe, justamente para engajar aqui e fazer as pessoas de fora (Entrevista Tupã).

A trajetória do entrevistado revela a resiliência inerente à potencialidade, frente a um obstáculo. O desejo de reativar um evento reflete um senso de responsabilidade com as novas gerações e com a comunidade. É por meio deste tipo de interação e valorização da cultura local, como a Batalha da Frentona, que os jovens podem desenvolver uma consciência crítica. As iniciativas descritas não são apenas em prol de eventos culturais, são catalisadores de autonomia e solidariedade, capacitando os jovens a serem protagonistas na construção de outro mundo possível.

Dessa forma, as narrativas expressam que em meio à vulnerabilidade social, podem emergir potenciais juvenis

notáveis, impulsionados pela necessidade de expressão e pela luta por uma vida digna. Os testemunhos dos entrevistados articulam a necessidade da criação de espaços que ultrapassem o simples lazer, funcionando como espaços de oportunidades que possam antes de mais nada ampliar os horizontes para além da luta pela sobrevivência. Esta perspectiva ganha vida no relato de Tupã, que sentindo a ausência de uma cena de hip-hop na comunidade, vai em busca de parcerias para implementar esta cultura.

Por meio dessas interações e da valorização de seus saberes e experiências, os jovens constroem e ressignificam suas identidades, desenvolvem uma consciência crítica sobre sua realidade e cultivam um forte sentimento de pertencimento à sua comunidade e a redes de apoio mútuo, capacitando-os a serem sujeitos ativos na luta por dignidade e justiça social (Anhas, 2017; Barbosa; Giffin, 2007). Essas práticas coletivas se tornam, assim, catalisadores de autonomia e solidariedade, abrindo horizontes para a construção de um “outro mundo possível”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste contexto, investir na construção e no fortalecimento de potências da juventude do bairro não apenas amplia a representatividade social, mas também potencializa estratégias de resistência e transformação, promovendo a garantia de direitos e estimulando a participação ativa em prol da justiça social, reconhecendo as iniciativas e integrando-as ao rol da Educação

Permanente em Saúde conforme preconizado pelas diretrizes da Política Nacional de Educação Permanente em Saúde.

Este capítulo mostrou que, longe de serem sujeitos passivos diante da adversidade, os jovens conseguem criar estratégias de resistência e de vida. A ausência de políticas sociais eficazes e a presença de uma necropolítica de Estado que criminaliza e desumaniza a juventude negra, predominante no território, criam um cenário de sobrevivência. No entanto, ao invés da paralisia, o que vemos são formas potentes de mobilização que funcionam como redes de cuidado e pertencimento.

Assim, reconhecer as múltiplas formas de expressão da juventude, seus modos de agir, criar e reivindicar direitos é fundamental para promover transformações nas práticas de saúde e nas políticas públicas em territórios marcados pela vulnerabilidade social. A promoção da saúde e o cuidado no bairro ultrapassam o âmbito clínico-assistencial, envolvendo também a mobilização comunitária em torno da luta por melhores condições de vida. Desse modo, o cuidado em saúde se revela, como um ato político e de transformação social.

A análise, fundamentada na Psicologia Sócio-Histórica e na Saúde Coletiva, revela que a subjetividade é moldada na relação com o meio, e o que podemos observar nas narrativas é uma juventude que, mesmo oprimida e racializada, luta para ser protagonista de sua história. A grande lição é que enquanto o Estado falha em prover direitos básicos, a comunidade responde com organização e cuidado e que o potencial dos jovens reside não apenas na capacidade de superação, mas na habilidade de

criar e sustentar laços de solidariedade e de se engajar em práticas coletivas que dão significado às suas existências.

SUGESTÕES CULTURAIS PARA INSPIRAR O TEMA

Reconhecemos o poder das artes para ilustrar realidades e provocar novos olhares, assim apresentamos a seguir uma seleção de obras que dialogam com os temas centrais deste capítulo, como um estímulo à compreensão dos desafios e das potencialidades.

Músicas

- *Não é Sério*, de Charlie Brown Jr. e Negra Li: retrata a desvalorização das ideias e das vozes da juventude periférica, denunciando a falta de oportunidades e o descaso social, mas também afirmando a resistência e o desejo de transformação.
- *Levanta e Anda*, de Emicida e Rael: uma canção motivacional que fala sobre persistência e superação das dificuldades. Emicida e Rael exaltam a força interior e a importância de continuar lutando mesmo diante dos obstáculos da vida.

- *Rap é Compromisso*, de Sabotage e Negra Li: um manifesto sobre a responsabilidade social e ética do rap. Sabotage e Negra Li mostram o rap como voz das periferias e instrumento de denúncia, consciência e resistência cultural.

Filmes

- *Cidade de Deus* – Direção de Fernando Meirelles: baseado em fatos reais, o filme mostra o crescimento do crime organizado na favela Cidade de Deus, no Rio de Janeiro, expondo as desigualdades, a violência e a luta pela sobrevivência nas periferias urbanas.
- *Pixote: A Lei do Mais Fraco* – Direção de Hector Babenco: retrata a vida de crianças e jovens abandonados e marginalizados nas ruas de São Paulo, abordando a exclusão social e a ausência do Estado na proteção da juventude.
- *Última Parada 174* – Direção de Bruno Barreto: inspirado em uma história real, o filme narra a trajetória de Sandro do Nascimento, sobrevivente da chacina da Candelária, mostrando como a violência e a falta de políticas sociais moldaram sua vida até o trágico sequestro do ônibus 174.

Livros

- *Capitães da Areia*, de Jorge Amado: clássico da literatura brasileira que acompanha um grupo de meninos de rua em Salvador. A obra denuncia a desigualdade social e exalta a solidariedade e a afetividade entre os jovens marginalizados.
- *A Droga da Obediência*, de Pedro Bandeira: romance juvenil que mistura aventura e crítica social, mostrando um grupo de estudantes enfrentando uma organização que tenta controlar o comportamento dos jovens, simbolizando a repressão à liberdade e à autonomia.
- *Capão Pecado*, de Ferréz: retrato realista da vida na periferia de São Paulo, o livro expõe a violência, os sonhos e os dilemas da juventude pobre, valorizando a voz e a identidade da comunidade por meio da literatura marginal.

REFERÊNCIAS

ANHAS, D. de M.; CASTRO-SILVA, C. R. de. Sentidos atribuídos por adolescentes e jovens à saúde: desafios da Saúde da Família em uma comunidade vulnerável de Cubatão, São Paulo, Brasil. **Saúde e Sociedade**, v. 26, n. 2, p. 484-495, 2016.

ANHAS, D. de M.; CASTRO-SILVA, C. R. de. Potência de ação da juventude em uma comunidade periférica: enfrentamentos e desafios. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 23, n. 9, p. 2927-2936, 2017.

ANUNCIACÃO, D.; TRAD, L. A. B.; FERREIRA, T. “Mão na cabeça!”: abordagem policial, racismo e violência estrutural entre jovens negros de três capitais do Nordeste. **Saúde e Sociedade**, v. 29, e190271, 2020.

AYRES, J. R. C. M. Cuidado e reconstrução das práticas de saúde. **Interface – Comunicação, Saúde, Educação**, v. 8, n. 14, p. 73-92, 2004.

BARBOSA, R. S.; GIFFIN, K. Gênero, saúde reprodutiva e vida cotidiana em uma experiência de pesquisa-ação com jovens da Maré, Rio de Janeiro. **Interface – Comunicação, Saúde, Educação**, v. 11, n. 23, p. 549-567, 2007.

CAMILO, C. et al. Cuidado em território de exclusão social: Covid-19 expõe marcas coloniais. **Saúde e Sociedade**, v. 30, n. 2, e210023, 2021.

CODO, W.; LANE, S. **Psicologia social: o homem em movimento**. São Paulo: Brasiliense, 1984.

CORROCHANO, M. C.; LACZYNSKI, P. Coletivos juvenis nas periferias: trabalho e engajamento em tempos de crise. **Linhas Críticas**, v. 27, 2021.

FERNANDES, V. R. et al. O lugar da vigilância no SUS: entre os saberes e as práticas de mobilização social. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 22, p. 3173-3181, 2017.

GOHN, M. da G. Empoderamento e participação da comunidade em políticas sociais. **Saúde e Sociedade**, v. 13, p. 20-31, 2004.

MBEMBE, A. **Necropolítica**. 3. ed. São Paulo: n-1 edições, 2018.

NOVAES, R. Juventude e sociedade: jogos de espelhos, sentimentos, percepções e demandas por direitos e políticas públicas. **Sociologia Especial: Ciência e Vida**, v. 1, n. 2, p. 6-15, 2007.

OPERAÇÃO ESCUDO: um ano de violência, confrontos e de alto índice de mortes que “era esperado”, diz Defensoria. **G1 – Santos-Região**, 28 jul. 2024. Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/santos-regiao/noticia/2024/07/28/operacao-escudo-um-ano-de-violencia-confrontos-e-de-alto-indice-de-mortes-que-era-esperado-diz-defensoria.ghtml>. Acesso em: 20 out. 2025.

SAWAIA, B. **As artimanhas da exclusão**: análise psicossocial e ética da desigualdade social. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.

SAWAIA, B. Participação social e subjetividade. In: SORRENTINO, M. (Org.).

Ambientalismo e participação na contemporaneidade. São Paulo: EDUC/FAPESP, 2001. p. 115-134.

SCHERER-WARREN, I. Das mobilizações às redes de movimentos sociais. **Sociedade e Estado**, v. 21, n. 1, p. 109-130, 2006.

SOUZA, J. **A ralé brasileira: quem é e como vive.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2022

VIGOTSKI, L. S. **Teoria e método em psicologia.** Trad. P. Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

LISTA DE PARECERISTAS

Agradecemos a inestimável e voluntária contribuição de cada um dos pareceristas abaixo citados, cuja minúcia, rigor e dedicação foram essenciais para a manutenção da qualidade dos capítulos e a integridade do processo de revisão por pares, sendo um trabalho fundamental para a pesquisa e para o fortalecimento da comunidade acadêmica.

Alexandro da Silva - Professor da Universidade Paulista, campus São José dos Campos/SP - Doutor em Ciências pelo Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências da Saúde da Universidade Federal de São Paulo.

Beatriz Borges Brambilla - Professora da Graduação em Psicologia e do Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Desenvolvimento e Políticas Públicas da Universidade Católica de Santos (UNISANTOS). Doutora em Psicologia Social (PUC/SP), Pós-Doutorado em Mulheres, Gênero e Feminismo (NEIM/UFBA).

Carla Cilene Baptista da Silva - Professora Associada do Departamento de Saúde, Educação e Sociedade (UNIFESP). Doutora em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento

Humano pela Universidade de São Paulo e Pós-Doutorado em Educação pela Universidade de Aveiro - Portugal.

Danilo de Miranda Anhas - Professor de ensino superior na Universidade Santa Cecília (UNISANTA). Doutor em Ciências da Saúde pelo Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências da Saúde da Universidade Federal de São Paulo.

Douglas Francisco Kovaleski - Professor Associado no Departamento de Saúde Pública da UFSC. Doutor em Saúde Coletiva (UFSC), Pós-doutorado pelo Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra.

Edna Maria Severino Peters Kahhale - Professora associada e coordenadora do LESSEX (Laboratório de Estudos de Saúde e Sexualidade), Núcleo de Estudos Avançados em Psicossomática da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Doutora em Psicologia Experimental pela Universidade de São Paulo.

Elaine Cristina Novatzki Forte - Professora Adjunta no Departamento de Enfermagem da UFSC. Doutora em Enfermagem pelo Programa de Pós-Graduação em Enfermagem da UFSC/Doutorado Sanduíche na Escola Superior de Enfermagem do Porto - Portugal.

Ilze Zirbel - Professora do Complexo de Ensino Superior de Santa Catarina - CESUSC; Doutora e Pós Doutora em Filosofia pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC).

Mariana Cabral Schweitzer - Professora Adjunta do Departamento de Medicina Preventiva da Escola Paulista de Medicina da Universidade Federal de São Paulo/UNIFESP - Doutora em Ciências pela Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo/EEUSP/ Universidade Católica Portuguesa e Pós-doutorado pelo Departamento de Orientação Profissional da EEUSP.

Sandra Mara Cavasini - Mestre em Psicologia Social pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Atua em consultório particular como Psicóloga Clínica.

EQUIPE DE PESQUISA

Coordenador

Prof. Dr. Carlos Roberto de Castro e Silva - Instituto de Saúde e Sociedade/ISS/UNIFESP

Equipe de trabalho

Debora Nimtsovitch Cualhete - Doutoranda - Instituto de Saúde e Sociedade/ISS/UNIFESP;

Hailton Yagiu - Doutorando - Instituto de Saúde e Sociedade/ISS/UNIFESP;

Josilene Brandão de Souza - Mestranda - Instituto de Saúde e Sociedade/ISS/UNIFESP

Laura Leal Nosella - Bolsista TT-3

Lucelia Terezinha Avelino - Mestranda - Instituto de Saúde e Sociedade/ISS/UNIFESP

Thaís Cavalcante Braga - Graduanda - Faculdade de Ciências da Saúde/UNISANTA

Victor Ferreira Freire - Mestrando - Instituto de Saúde e Sociedade/ISS/UNIFESP

Pesquisadores Associados

Claudia Camilo de Oliveira - Pesquisadora Associada/Bolsista - Instituto de Saúde e Sociedade/ISS/UNIFESP;

Denise Martin Coviello - Pesquisadora Associada - Escola Paulista de Medicina/EPM/UNIFESP;

Luciane Pinho de Almeida - Pesquisadora Associado - Centro de Pesquisa, Pós-Graduação e Extensão/CPPGE/UCDB;

Maria Inês Badaró Moreira - Pesquisadora Associada - Instituto de Saúde e Sociedade/ISS/UNIFESP;

Mabel Cavalcanti - Pesquisadora Associada - Fundação Cuidar o Futuro - Portugal. Doutoranda - ULUSÓFONA.

Mauro Serapioni - Pesquisador Associado - Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra/CESUC;

Nadia Vitorino Vieira - Pesquisadora Associada - Centro de História e Filosofia das Ciências da Saúde/CEHFI/UNIFESP;

Sueli Terezinha Ferrero Martin - Pesquisadora Associada - Faculdade de Medicina de Botucatu/FMB/UNESP;

Vera Schattan Ruas Pereira Coelho - Pesquisadora Associada - Centro Brasileiro de Análise Planejamento/CEBRAP;

SOBRE AS AUTORAS E AUTORES

Aline Abrantes

Psicóloga formada há 18 anos, com ampla experiência no serviço público. Funcionária Pública do Município de Cubatão, pós-graduada em Saúde Pública e no Programa Saúde da Família. Atuou por 10 anos na Atenção Secundária, com foco em Saúde Mental - CAPS AD e atualmente desenvolve suas atividades na Atenção Primária à Saúde, com ênfase no cuidado integral.

E-mail : aline_g.abrantes@hotmail.com

Carlos Roberto de Castro-Silva

Pós-doutoramento em Ciências Sociais pela University of Western Ontario, Canadá. Doutorado em Psicologia Social pela Universidade de São Paulo. Professor Associado do Instituto Saúde e Sociedade, Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP-BS). Credenciado ao Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências da Saúde da UNIFESP. Coordena o grupo de pesquisa: Laboratório de Estudos sobre a desigualdade social (LEDS).

E-mail: roberto.castro@unifesp.br

Orcid: 0000-0002-8880-1042

Lattes: <https://lattes.cnpq.br/0357820757162104>

Claudia Camilo de Oliveira

Doutora em Ciências da Saúde pela Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP-BS), Mestre em Antropologia pela Universidade Livre de Berlim (FU-Berlin), Alemanha, graduada em Antropologia, Artes Cênicas e Educação Física UFMG. Pós-Doutoranda no Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências da Saúde da Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP-BS). Membro do Laboratório de Estudos sobre a desigualdade social (LEDS). E-mail: camilo.claudia@unifesp.br

Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-2882-2041>

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2285013207798567>

Crisley dos Santos Passos

Atualmente com 31 anos, é nascido e criado na Vila dos Pescadores, em Cubatão. Formado em Recursos Humanos e técnico em Agente de Saúde, Atua como Agente Comunitário de Saúde há mais de 10 anos, num trabalho marcado pelo conhecimento técnico, gestão de pessoas, forte vínculo comunitário, compromisso social, proximidade com os moradores e pela busca constante por melhorias na qualidade de vida da população local.

Deborah Nimtzovitch Cualhete

Doutoranda no Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Ciências da Saúde - UNIFESP-BS. Mestre pelo Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Ciências da Saúde - UNIFESP. Filiada ao Laboratório de Estudos sobre a desigualdade social (LEDS) - UNIFESP. Especialista pelo programa de Residência Multiprofissional de Urgência e

Emergência no Hospital Santa Marcelina de Itaquera.

E-mail: cualhete.deborah@unifesp.br

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-3531-3002>

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7274241437907728>

Fernando Santos Andrade

Servidor Público Municipal. Agente Comunitário de Saúde da Unidade Básica de Saúde Dr. Lamuel Camargo Martins na Vila dos Pescadores.

Email: fernandosandrade007@gmail.com

Francisca Adeíza Nascimento Monteiro Oliveira

Secretária Adjunta de Ciência, Inovação e Tecnologia da Prefeitura Municipal de Cubatão. Presidente do Fundo Social de Solidariedade de Cubatão (2017-2020). Servidora pública do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia - Campus Cubatão há 16 anos. Bacharel em Direito e Ciências Sociais, Licenciatura em Letras - Português, Bacharel em Psicologia, Pós-graduada em Educação Especial - Deficiência auditiva. Aluna especial no Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciência da Saúde da Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP-BS). Participante do grupo de pesquisa: Laboratório de Estudos sobre a desigualdade social (LEDS). Interlocutora e Preceptora voluntária do PET - Saúde Digital.

E-mail: adeizamonteiro.mestrado@gmail.com

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9005100212653044>

Hailton Yagiu

Psicólogo e Psicanalista, doutorando no Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Ciências da Saúde -

(UNIFESP-BS) e pesquisador do Laboratório de Estudos sobre a desigualdade social (LEDS). Com base na Psicologia Sócio-Histórica e em perspectivas interdisciplinares, exploro por meio da pesquisa participante como as desigualdades, o racismo e as juventudes se articulam em um território socialmente vulnerabilizado, a partir das narrativas de jovens e lideranças locais.

E-mail: hyagiu@gmail.com

Lattes: lattes.cnpq.br/5212503381763963

Josilene Brandão de Souza

Mestranda do Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências da Saúde da Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP-BS) sendo bolsista da Fundação de Amparo a Pesquisa do Estado de São Paulo - FAPESP. Graduada em Serviço Social também pela Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP). Membro e pesquisadora do Laboratório de Estudos sobre a desigualdade social (LEDS).

E-mail: brandao.josilene@unifesp.br

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1115638491600164>

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-3242-3855>

Laís dos Santos Silva

Agente Administrativa da Organização Social Sociedade Brasileira Caminho de Damasco, atuando na Unidade Básica de Saúde Dr. Lamuel Camargo Martins na Vila dos Pescadores.

Laura Leal Nosella

Bolsista pela FAPESP em modelo de Treinamento Técnico (TT3). Psicóloga Social pela Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP-BS). Pós-Graduada em Psicologia

Clínica Histórico-Cultural.

E-mail: lauralealnosella@gmail.com

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0948188779525229>

Orcid: <https://orcid.org/0009-0009-5310-8609>

Lucélia Terezinha Avelino

Mestranda no Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Ciências da Saúde da Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP-BS). Pesquisadora do Laboratório de Estudos sobre a desigualdade social (LEDS). Especialista em Filosofia pela UNESP. Especialista em Direitos Humanos e Cidadania pela USP. Psicóloga Social e Pedagogia. Diretora da Escola Pública Municipal. Ativista do Movimento Negro pela UNEGRO. Membro da Confederação Nacional das Entidades Negras - CONEN SP

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5272079320840429>

Luciane Pinho de Almeida

Possui Mestrado (2000) e doutorado (2004) em Serviço Social pela Universidade Paulista Júlio de Mesquita Filho UNESP - SP e Pós-Doutorado em Direitos Humanos pela Universidade de Salamanca/Espanha. Bolsista produtividade PQ2. Recebeu o Prêmio Fundect Pesquisador Sul-Mato-Grossense 2023 - 2 LUGAR - Categoria Inovação para o Setor Público. Atual coordenadora institucional do Projeto PROEXT-PG “Políticas Públicas e Diálogo Intersetorial: Políticas Públicas e Sociais em saúde, educação, assistência social e desenvolvimento regional em Mato Grosso do Sul”.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9321225768028391>

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-7003-9264>

Mabel Solange de Figuerêdo Cavalcanti (Mabel Cavalcanti)

Doutoranda em Sociomuseologia (ULusófona/Portugal), Mestra em Política Social (2016) ISCSP/ULisboa, Com Especialização em Metodologia do Ensino Superior (FAFICA) e Graduação em História e Pedagogia. Membro da Fundação Cuidar o Futuro-Portugal, da ACLC-Academia Caruaruense de Literatura de cordel e da UBE-União Brasileira de Escritores.

E-mail: mabelinapinheiro@gmail.com

Ciência ID: EF1C-A9FB-0CD0

Orcid:<http://0000-0003-0971-6243>

Maria Inês Badaró Moreira

Psicóloga. Mestre e Doutora em Psicologia. Pós Doutorado em Saúde Coletiva. Professora Associada do Departamento de Políticas Públicas e Saúde Coletiva/UNIFESP-BS. Credenciada no Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências da Saúde da UNIFESP.

E-mail maria.ines@unifesp.br

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1186084305231587>

Marly Vicente da Silva

Pernambucana de nascimento e Cubatense de coração, amo a minha comunidade Vila dos Pescadores. Liderança comunitária há mais de 40 anos atuando na cidade de Cubatão. Mãe de três filhos maravilhosos; Anderson, Alisson e Alan, que são o melhor de mim. Presidenta do Instituto Socioambiental e Cultural - ISAC.

E-mail: marlyvicentepescador@gmail.com

Mauro Serapioni

Sociólogo, doutorado em Ciências Sociais e Saúde pela Universidade de Barcelona (Espanha), investigador sénior

no Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra (Portugal), e professor visitante no Instituto Multidisciplinar em Saúde da Universidade Federal da Bahia.

E-mail: mauroserapioni@ces.uc.pt

Nádia Vitorino Vieira

Doutora em Ciências da Saúde pela Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP-BS), Mestre em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUCSP), graduada em Psicologia e Filosofia pela Universidade Federal de Uberlândia (UFU). Membro do Laboratório de Estudos sobre a desigualdade social (LEDS) e colaboradora no Centro de História e Filosofia das Ciências da Saúde (CeHFi/ UNIFESP-Campus São Paulo)

E-mail: nadia.vieira@unifesp.br

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8264489967225985>

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-3863-8865>

Sandra Cristina de Costa e Silva

Moradora e fundadora do Exército da Salvação – APROSES da Vila dos Pescadores - Cubatão , atua há anos na organização e no fortalecimento de iniciativas sociais voltadas à comunidade local. Atualmente é voluntária do Núcleo do Exército da Salvação - Vila dos Pescadores, mantendo participação ativa nas ações comunitárias.

E-mail: aprosesviladospescadores@gmail.com

Sueli Terezinha Ferrero Martin

Professora aposentada do Departamento de Neurociências e Saúde Mental, Unesp - Botucatu. Doutora em Psicologia Social pela PUC-SP.

E-mail: suelitfmartin@gmail.com

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-5874-063X>

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2768388264051978>

Thaís Cavalcante Braga

Graduação em Psicologia (UNISANTA), bolsista FAPESP na Iniciação Científica (UNIFESP-BS) e membro pesquisadora do Laboratório de Estudos sobre a desigualdade social (LEDS).

E-mail: bthais01@gmail.com

Lattes: <https://lattes.cnpq.br/4593935965365303>

Vera Schattan Pereira Coelho

Doutora em Ciências Sociais, com especialização em Estado e Políticas Públicas pela UNICAMP, e pós-doutora pela FAPESP no CEBRAP. Foi pesquisadora visitante no Hauser Center da Kennedy School, Harvard University (EUA). Atualmente, integra o corpo docente do Programa de Pós-Graduação em Políticas Públicas da Universidade Federal do ABC (UFABC).

E-mail: veraspc@uol.com.br

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2035086868379687>

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-2000-6536>

Victor Freire

Graduado em Psicologia, mestrando no Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências da Saúde da Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP-BS), membro e pesquisador do Laboratório de Estudos sobre a desigualdade social (LEDS).

E-mail: v.freire@unifesp.br

Orcid: <https://orcid.org/0009-0006-1830-9649>

Lattes: <https://lattes.cnpq.br/8311814802352422>

ÍNDICE REMISSIVO

A

Ação coletiva 117

Agentes comunitários de Saúde (ACS) 17, 29, 66, 76, 81, 83, 98

C

Cidadania 11, 12, 36, 42, 53, 79, 92, 94, 98, 126, 136

Comunidade 5, 7, 9, 12, 17, 22, 26, 29, 30, 31, 32, 33, 36, 38, 39, 41, 42, 43, 44, 45, 46, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 53, 60, 61, 62, 65, 66, 67, 68, 69, 72, 73, 74, 75, 76, 77, 78, 79, 80, 82, 83, 84, 92, 94, 98, 103, 110, 111, 113, 119, 123, 124, 125, 127, 136, 137, 138, 142, 146, 153, 154, 155, 156, 159, 160, 162, 173, 174

Covid-19 3, 21, 39, 54, 56, 87, 117

Crise sanitária 10, 23, 62, 88, 118, 120, 134, 146, 150

Cuidado 5, 9, 10, 11, 12, 13, 18, 20, 21, 23, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 41, 45, 46, 62, 73, 74, 78, 83, 84, 88, 92, 94, 99, 100, 101, 102, 103, 104, 105, 110, 111, 112, 113, 114, 115, 116, 117, 118, 119, 120, 121, 122, 123, 124, 125, 126, 127, 128, 129, 130, 131, 136, 139, 141, 142, 146, 147, 149, 150, 156, 168

D

Democracia 9, 11, 12, 13, 61

Desemprego 33, 39, 69, 70, 71, 75, 81, 118

Desigualdade social 18, 19, 20, 21, 22, 27, 36, 37, 42, 49, 56,

57, 60, 61, 77, 83, 89, 92, 110, 132, 134, 135, 142, 144, 159,
160, 168, 170

Direitos sociais 38, 42, 80

E

Educação Permanente em Saúde 9, 11, 20, 23, 101, 110, 112,
121, 125, 128, 130, 132, 155, 156

Ética do cuidado 124

Exclusão social 29, 36, 42, 62, 158, 160

Exército de Salvação 30, 40, 69, 86

F

Feminismo 132

G

Gênero 19, 33, 63, 100, 113, 115, 116, 129, 130, 131, 132, 146

I

Infâncias 9, 23, 92, 93, 94, 95, 105

ISAC 40, 43, 67, 69, 75, 78, 82, 87, 104, 117, 136, 144, 173

J

Juventude 10, 11, 23, 32, 36, 37, 44, 67, 80, 135, 136, 137, 138,
140, 141, 144, 146, 148, 150, 151, 152, 153, 155, 156, 157,
158, 159, 160

M

Movimentos sociais 18, 26, 29, 46, 161

Mulheres 9, 10, 19, 21, 23, 32, 34, 43, 44, 52, 65, 76, 78, 110,
111, 112, 113, 114, 115, 116, 117, 118, 119, 120, 121, 122,
124, 125, 126, 127, 128, 129, 131

N

Necropolítica 56, 160

P

Pandemia 8, 22, 23, 39, 40, 41, 43, 54, 56, 60, 62, 69, 70, 71, 72, 73, 74, 75, 76, 78, 81, 83, 87, 88, 89, 92, 97, 98, 119, 120, 134, 147, 148, 149, 150

Participação social 42, 43, 54, 57, 77, 84, 117, 119, 124, 134, 135, 139, 151

Pesquisa participante 7, 18, 19, 22, 28, 46, 47, 48, 50, 51, 52, 54, 101, 170

Pesquisa qualitativa 26, 28

Pobreza 7, 10, 33, 41, 61, 77, 85, 86, 88, 92, 93, 94, 96, 130

Políticas públicas 20, 23, 29, 41, 60, 62, 71, 74, 77, 80, 82, 83, 95, 112, 116, 119, 121, 125, 126, 127, 128, 134, 135, 141, 143, 145, 156, 160

População negra 33, 61

Populações vulnerabilizadas 8, 88

Pós-pandemia 92, 98, 150

R

Raça 33, 95, 100, 113, 114, 116, 129, 146

Redes 8, 23, 31, 46, 49, 50, 51, 60, 62, 74, 76, 77, 78, 87, 111, 113, 118, 122, 123, 125, 135, 136, 142, 147, 150, 155, 156, 161

S

Saúde coletiva 20, 118, 124

Saúde mental 19, 47, 137, 147, 148, 150

Sindemia 8, 28, 40

Sistema Único de Saúde (SUS) 9, 11, 12, 20, 23, 29, 73, 83, 112, 121, 124, 125, 126, 128, 130, 132, 160

Sofrimento 12, 27, 36, 38, 42, 76, 132, 149

Solidariedade 7, 8, 9, 10, 12, 23, 40, 46, 60, 62, 69, 72, 73, 74,
76, 77, 82, 84, 98, 111, 115, 118, 120, 122, 123, 124, 129, 130,
135, 147, 154, 155, 157, 159

T

Território 8, 9, 10, 11, 17, 18, 21, 22, 23, 27, 28, 29, 30, 31, 32,
37, 42, 43, 49, 51, 52, 60, 63, 66, 72, 73, 74, 81, 83, 87, 89, 93,
98, 102, 110, 111, 112, 113, 115, 116, 118, 119, 120, 122, 124,
127, 134, 135, 136, 137, 140, 141, 145, 148, 150, 151, 153,
156, 160, 170

Trabalho 4, 8, 19, 22, 23, 26, 27, 28, 30, 34, 39, 47, 48, 54, 61,
64, 65, 67, 70, 81, 82, 102, 114, 118, 122, 131, 137, 140, 148,
153, 160, 162, 165

U

Unidade Básica de Saúde (UBS) 30, 37, 63, 69, 71, 72, 73, 78,
80, 124, 169, 171



FAÇA SUA DOAÇÃO E COLABORE

www.redeunida.org.br



CUBATÃO
Prefeitura Municipal



ISBN 978-65-5462-227-1



9 786554 622271